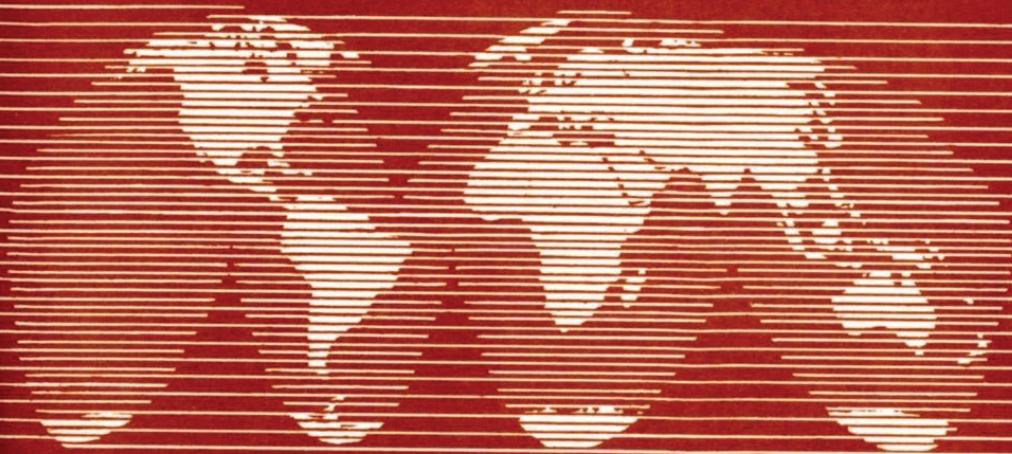


INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

A DIFUSÃO DOS OURIVES EM PORTUGAL

O CONCELHO DE CANTANHEDE E A IMPORTÂNCIA DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DAS FEBRES (*)

FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

RESUMO

Localizada tradicionalmente nos dois principais centros urbanos do país, a manufactura e comercialização do ouro em Portugal, voltou-se quase sempre para a média e alta burguesia.

As sucessivas crises que o país atravessou, principalmente durante os séculos XVIII e XIX, contribuem para o esfriamento de todas as artes, a que a Ourivesaria não se furta. As Corporações de ourives que tinham um papel disciplinador no trabalho do ouro e prata, perdem grande parte da sua importância. Todavia, em 1886 é publicado o *Regulamento das Contrastarias*, que permitirá o alargamento do comércio dos metais preciosos. Os processos de fabrico evoluem e aumenta o número de oficinas. Surge a *ourivesaria popular*, que tem na população rural o seu principal mercado. Aparecerá então, em finais do século XIX, um novo elemento na comercialização do ouro em Portugal: os *ourives ambulantes*. Pretende-se com esta nota mostrar como a partir do concelho de Cantanhede se difundiu no país uma importante comunidade de ourives. Embora se trate de uma amostra limitada, julgamos que ela adquire alguma importância, não só porque sugere o aparecimento local de um grupo social com maior poder económico e político mas porque mostra a função que os *ourives ambulantes* desempenharam na difusão do comércio do ouro em Portugal.

RÉSUMÉ

Traditionnellement située dans les deux principaux centres urbains du pays, la manufacture et commercialisation de l'or au Portugal, a été presque toujours privilège de la moyenne et haute bourgeoisie.

(*) Cumpre-nos agradecer ao Senhor Professor Doutor Jorge Gaspar que, para além de nos ter sugerido este artigo, sempre nos dirigiu críticas no sentido de o melhorar.

Les successives crises subies par le pays, surtout pendant le XVIIIème et XIXème siècles, contribuent au refroidissement de tous les arts et l'Orfèvrerie n'est pas exception. Les Corporations d'Orfèvres qui avaient un rôle de mainteneurs de la discipline dans le travail de l'or et de l'argent, perdent la plupart de leur importance. En 1886 est publié, toutefois, le «Regulamento das Contrastarias» qui permettra l'élargissement du commerce des métaux précieux. Les procès de fabrication évoluent et augmentent la quantité d'ateliers. Survient l'*orfèvrerie populaire*, qui a dans la population rurale son principal marché. Dans les dernières années du XIXème siècle, apparaîtra alors un nouveau élément dans la commercialisation de l'or au Portugal: les *orfèvres ambulants*. On veut, avec cette remarque, montrer comment à partir de la municipalité de Cantanhede une importante communauté d'orfèvres s'est diffusée dans le pays. Bien que ce soit une question d'aperçu limité, on croit qu'il acquiert une certaine importance, non seulement parce qu'il suggère l'apparition locale d'une couche sociale avec un pouvoir économique et politique plus grand mais aussi parce qu'il montre le rôle accompli par les orfèvres ambulants dans la diffusion du commerce de l'or au Portugal.

S U M M A R Y

In Portugal, the manufacture and the commercialization of gold was traditionally concentrated in the two main urban centres of the country. It was mainly used to serve the middle and upper classes.

During the 18th and 19th century the country suffered several successive crisis, which certainly helped to diminish the enthusiasm towards arts, including jewellery.

The jeweller's Corporations which used to direct and discipline the gold and silver works, lose, up to a point, their importance.

However, in 1886 the *Regulamento das Contrastarias* is published and this is going to allow the expansion of precious metals commerce.

The process of manufacture evolves and the number of workshops increases. Then, the popular jewellery appears, which finds among the rural population its main business. By the end of the 19th century, a new case turns up in the commercialization of the gold in Portugal: the pedlar jeweller.

Our aim, after what was said, is to show, how an important jeweller's community spreads throughout the country, starting from one point: Cantanhede.

Although we understand that, this is a very narrow sample, we do think that this acquires some importance, not only because it suggests the local birth of a social group with much bigger economical and political power, but it also shows the role that the pedlar jewellers played in the decentralization of the commerce of gold in Portugal.

1. INTRODUÇÃO¹

Desde a época medieval que as produções de ourivesaria em Portugal se evidenciaram «como elevadas manifestações artísticas» (L. COSTA, 1917, pág. 2). Em 1514 o Papa Leão X viria a receber sumptuosos presentes de ouro, cuja manufactura deverá ter saído em grande parte de oficinas portuguesas. Segundo SOUSA VITERBO (1896, pág. 83) valiosas obras de ourivesaria foram entregues àquele Sumo Pontífice no seio de um fausto aparato de tal modo que a «Europa presenciava atônita aquele espectáculo».

Todavia, a partir do segundo quartel do século XVI a Ourivesaria entra em decadência em parte devido à acção de D. João III, e da sua Lei Sumptuária de 1535 (Cf. L. COSTA, 1917, pp. 39-40).

Retomando progressivamente o esplendor que perdera, reflectirá também as sucessivas crises que Portugal atravessou durante parte do século XVIII. As Invasões Francesas e as Guerras Civis contribuem para o esfriamento de todas as artes em Portugal, a que aquela não se furta.

As corporações de ourives, fundadas sob o patrocínio de Santo Eloy, com um papel disciplinador na manufactura dos objectos de ouro e prata, perdem grande parte da sua importância.

Assiste-se então, por parte de alguns comerciantes, à produção de objectos, cuja matéria prima é frequentemente adulterada, visando a obtenção de lucros fáceis. Gera-se contra essa situação um movimento orientado por alguns dos indivíduos ligados à ourivesaria em Portugal, que culminará com a publicação do *Regulamento das Contrastarias* em Fevereiro de 1886².

O referido regulamento veio, por um lado, disciplinar a comercialização do ouro e prata e, por outro, aboliu algumas exigências que até à sua publicação eram impostas aos ourives. Este facto virá permitir o alargamento do comércio dos metais preciosos. Simultaneamente, surge e desenvolve-se um tipo de produção diferente daquela que durante largas dezenas de anos

¹ Já depois de elaborado este artigo, Vilamar foi elevada a sede de freguesia (Lei n.º 115/85 de 4 de Outubro). De resto, antiga aspiração local e que está na sequência de outras a que ao longo do trabalho faremos referência. Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento nomeadamente aos Srs. Armando Patrão, Fernando Patrão, Lino Cruz e Manuel Marques, além de todos os comerciantes que amavelmente responderam ao inquérito que lhes enviámos. Sem a sua colaboração este trabalho não teria sido possível.

Agradecemos também ao Sr. Fernando Coroado que desenhou todas as figuras deste trabalho.

² Vide: «Regulamento para o serviço das contrastarias e do fabrico e comércio de barras e obras de ouro e prata», *Diário do Governo de 19 de Fevereiro de 1886*.

tinha caracterizado o trabalho do ouro em Portugal. Designado por *ourivesaria popular* trata da manufactura de objectos de baixo preço e de uso pessoal dirigindo-se preferencialmente à população rural.

Com uma produção limitada e uma clientela restrita, eram em geral os próprios industriais, proprietários da maioria das casas comerciais ligadas a este ramo, que se deslocavam às feiras para aí transaccionarem a sua mercadoria. Contudo, e após a publicação da referida Lei em Fevereiro de 1886 a situação altera-se. Os processos de fabrico evoluem, aumenta o número de oficinas e simultaneamente o número de compradores.

Surgirá então, e por finais do século XIX, um novo elemento na comercialização do ouro em Portugal: *os ourives ambulantes*. Da sua actividade irá em grande parte resultar a descentralização do comércio de retalho, que durante largo tempo se situou nos dois principais centros urbanos do país.

Pretende-se com este trabalho mostrar por um lado como, numa área restrita do Centro Litoral Português, o desenvolvimento do comércio ambulante do ouro fez emergir um grupo social com um poder económico superior ao cenário geral apresentado no território gandarês; e por outro, mostrar como através daquela actividade se foram difundindo pelo país muitos dos actuais proprietários de ourivesarias. Trata-se, no entanto, de uma análise elaborada a partir de dados locais que não permite uma generalização à escala do território nacional. Julgamos, apesar de tudo que os resultados a que chegámos evidenciam a importância que a área analisada detem relativamente à difusão dos ourives em Portugal (Fig. 1).

Para quem percorra o território gandarês, a povoação de Vilamar, apesar das alterações que ultimamente se verificaram, furta-se quase completamente ao padrão que apresenta a generalidade das outras povoações rurais. Um número elevado de habitações deixa transparecer por um lado um estilo que se demarcará temporalmente pelos anos 50/60, e por outro, a existência de um poder económico invulgar na região gandraesa¹ (ver Fotografias 1 e 2).

É de um modo geral à emigração, nomeadamente para o Brasil, que se atribuem tais alterações, verificadas quer no padrão geral de construção, quer na subida social e económica que aquela deixa transparecer.

Todavia, naquele núcleo populacional a arquitectura não corresponde à que normalmente anda associada à casa construída pelo *brasileiro*, para nela vir passar esporadicamente algumas férias ou para a transformar mais raramente em domicílio definitivo.

¹ Sobre este assunto veja-se o estudo de Jorge Dias, Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira. *A região e a casa gandraesa*, Porto, 1959.

Apesar de a freguesia de Nossa Senhora das Febres ter sido consideravelmente afectada pela emigração quer para o Brasil quer para outros países da América, a frequência emigratória da povoação de Vilamar deve ter sido das mais baixas daquela unidade administrativa. A explicação

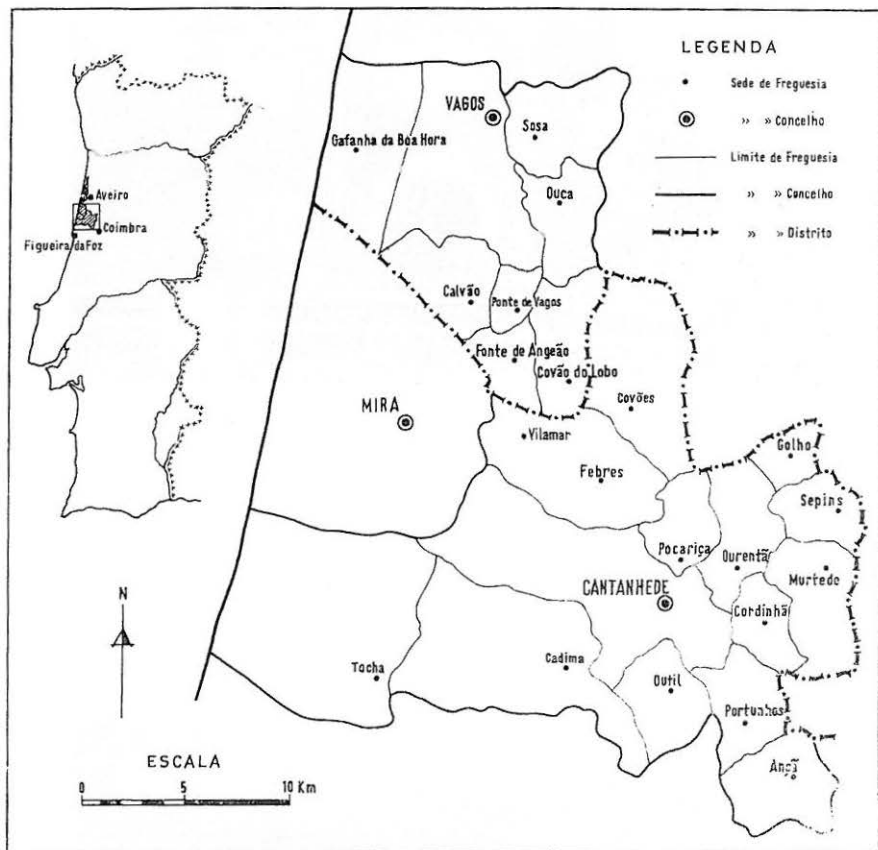


Fig. 1 — Mapa de localização geral.

dever-se-á, pois, ir buscar a outras circunstâncias que não à mobilidade geográfica, pelo menos na que se processou para o continente americano.

Ao concelho de Cantanhede pertence um grande número de comerciantes ligados ao ramo da ourivesaria, que se encontram distribuídos por todo o país. Todavia, é da freguesia de Nossa Senhora das Febres que a grande maioria é natural. Além disso, a povoação de Vilamar detem um lugar privilegiado no que se refere àquela actividade, não só porque ainda aí residem



For. 1 — Residência de um *armazenista* de ouro construída em Vilamar no início da década de cinquenta.



For. 2 — A Casa Gandaresa.

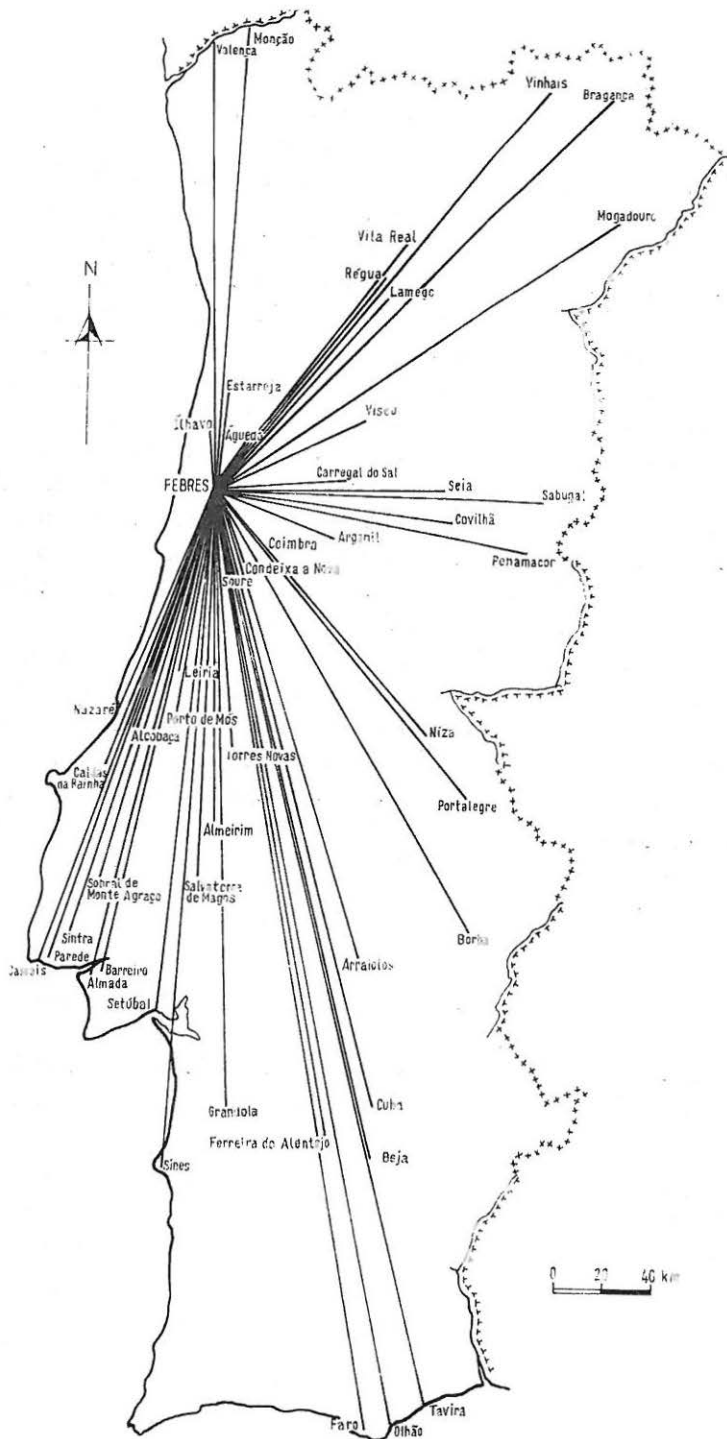


Fig. 2 — Difusão dos ourives a partir da freguesia de N.ª S.ª das Febres.

algumas das famílias às quais se deverá, em parte, o desenvolvimento da *ourivesaria popular*, mas porque é lá que grande parte dos ourives espalhados pelo país se abastece. Isto é, é em Vilamar que se localizam alguns dos principais armazenistas do ouro¹ que se transacciona no território nacional.

Deve pois relacionar-se com esta actividade o apogeu económico de que aquele lugar terá disfrutado, e cujo significado será mais relevante se enquadrado na área onde se situa. «Na Gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens, semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. O inverno e a morte. Então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, na terra dos homens». (C. OLIVEIRA, 1943, pág. 7).

Aliás, a alteração que se verificou na toponímia local vem comprovar tal apogeu. Até 1940, o núcleo populacional que corresponde actualmente a Vilamar designava-se por Escumalha, nome cujos habitantes consideravam de certa forma insultuoso tanto mais que aí residiam alguns dos armazenistas de ouro, que tinham conquistado uma posição económica incomparavelmente superior ao cenário geral que se verificava na Gândara.

A imprensa regional foi frequentemente porta voz quer das aspirações da população em alterar a designação inicial², quer também inserindo notícias que deixam antever uma situação económica privilegiada. Tal se conclui, por exemplo, do relato da inauguração da luz eléctrica na Escumalha em 26 de Dezembro de 1934, no qual se afirma que todas as despesas foram pagas pela população (*GAZETA de CANTANHEDE* de 5-1-1935). Refira-se ainda que aquele núcleo populacional foi dos primeiros a ser electrificado no concelho a que pertence.

2. A IMPORTÂNCIA DA FREGUESIA DE N.^a S.^a DAS FEBRES

Só através dos inquéritos, das entrevistas e da imprensa regional, foi possível acumular um número de informações que permitem analisar um

¹ Saliente-se que não são apenas objectos de ourivesaria que estão englobados neste tipo de comércio. A relojoaria teve e tem uma importância considerável. Inicialmente, quando um ourives ambulante pretendia estabelecer-se recorria também à relojoaria já que o investimento era menor. Progressivamente ia-a abandonando para se dedicar quase exclusivamente à venda de ouro. Nos últimos anos devido à subida de preço daquele metal e à diminuição do poder de compra, a relojoaria retoma de certo modo o lugar que manteve durante algum tempo.

² Veja-se por exemplo a notícia inserida na *GAZETA de CANTANHEDE* em 7 de Abril de 1934, onde se propõe a alteração do nome daquela povoação da freguesia de Febres.

facto circunscrito a uma área limitada, mas cuja importância económica ultrapassou largamente as suas fronteiras administrativas¹.

Todavia, esta não é uma situação inédita no país. São inúmeras as áreas que se especializaram em determinados ramos de actividade. Nuns casos a população não chega a abandonar o local de residência como acontece na região de Lorvão com o fabrico de palitos, noutros abandona-a temporariamente como aconteceu na primeira fase do comércio do ouro exercido pelos indivíduos naturais do concelho onde se centra este artigo. Outros exemplos se podem referir, como seja o dos *azeiteiros* do concelho de Poiães que, de vendedores ambulantes, passaram nalguns casos a proprietários de armazéns de azeite. Da serra da Lousã era natural um grande número de *estivadores* do porto de Lisboa, que só esporadicamente regressavam à terra de origem.

Residem em Vilamar alguns dos principais armazenistas do ouro que se transacciona em grande parte do território nacional, com excepção das cidades de Lisboa e Porto que, como adiante veremos, se revestem de características especiais.

Tivémos acesso aos ficheiros de alguns dos comerciantes residentes em Vilamar. Para cada cliente existe um registo onde se refere a naturalidade e a residência actual. Computámos 168 indivíduos que adquirem parte ou a totalidade da sua mercadoria naquele núcleo populacional. Note-se que alguns comerciantes estão referenciados em vários armazenistas já que comercializam com um número variado de intermediários. Contudo, e sempre que nos foi possível, apenas foram considerados uma vez.

Assim, a partir daqueles registos, verifica-se que, no total de comerciantes de ourivesaria, 67 são naturais da freguesia de Nossa Senhora das Febres, correspondendo a 39,9% do total de fichas a que nos foi dado acesso (ver fig. 2).

Note-se, no entanto, que é frequente, no caso de centros de maior dimensão, a ocorrência de várias casas comerciais cujos proprietários são oriundos daquela unidade administrativa. Na figura 2, em que se pretende mostrar

¹ Refira-se a existência de uma pequena comunidade de ourives ambulantes no concelho de Porto de Mós, situada na povoação de Cabeça Veada, freguesia da Mendiga.

Segundo as informações recolhidas, um ourives ambulante natural de Febres que frequentemente percorria aquela área lá se fixou há uns 50 anos, pois aí contraiu matrimónio. Embora de início tivesse alguns empregados, veio, passados alguns anos, a abandonar a actividade. Hoje, apenas 4 ou 5 indivíduos se dedicam àquele tipo de comércio mas como actividade subsidiária.

a difusão dos ourives a partir das informações que nos foram facultadas, apenas considerámos os locais onde se encontram estabelecidos e não o número de proprietários. No quadro 1 faz-se referência a essa circunstância.

Apesar das limitações da amostra, julgamos que a fig. 2 dá uma imagem da frequência com que a freguesia de Nossa Senhora das Febres é referida como naturalidade dos *ourives* e ainda da sua difusão pelo país. Refira-se que alguns indivíduos ligados aquela actividade, e naturais da mesma freguesia, se estabeleceram nas ex-colónias mantendo simultaneamente casas comerciais em Angola e Moçambique. Também na capital da actual República da Guiné Bissau, se tinha radicado um comerciante natural de Febres e que se abastecia em Vilamar. Por outro lado, segundo alguns dos nossos interlocutores, ainda actualmente se dedicam ao comércio do ouro indivíduos naturais de Febres que emigraram nos anos 40 e 50 para o Brasil, Venezuela e Estados Unidos.

Com base ainda nos referidos ficheiros, enviámos um inquérito (modelo em anexo) a 94 comerciantes espalhados pelo território nacional. Responderam 42, isto é, 44,7% da amostra. O objectivo central do inquérito foi recolher informação com vista a determinar o itinerário traçado por cada comerciante desde o início da actividade até se estabelecer. Outra fonte privilegiada de informação residiu nas entrevistas que nos concederam quer os actuais armazenistas, quer ex-ourives ambulantes, hoje completamente desligados da actividade exercida durante alguns anos, quer proprietários de casas comerciais ligadas ao mesmo ramo.

3. A ANÁLISE DA AMOSTRA

O quadro 2, baseado no inquérito feito, mostra a distribuição dos *ourives* segundo a naturalidade e a freguesia onde se estabeleceram como comerciantes¹. Da sua observação pode concluir-se que a grande maioria dos indivíduos inquiridos eram naturais do concelho de Cantanhede (27 = 76,5%). Contudo, da distribuição que se verifica pelas freguesias do concelho emerge a importância da freguesia de Nossa Senhora das Febres. Desta, são naturais 20 indivíduos correspondendo a 74,1% do total do concelho a que pertence. Da freguesia de Cantanhede são naturais 5, enquanto apenas um diz ter nascido na freguesia de S. António de

¹ Embora tenhamos recebido 42 inquéritos, apenas em 34 foi possível recolher informação referente à naturalidade e à sua actual residência.

<i>Local onde se estabeleceram</i>	<i>N.º de indivíduos</i>
Águeda	1
Albufeira	1
Alcobaça	2
Almada	3
Almeirim	1
Arganil	1
Arraiolos	1
Barreiro	1
Beja	1
Borba	1
Caldas da Rainha	1
Carregal do Sal	1
Cascais	2
Coimbra	9
Condeixa-a-Nova	1
Covilhã	1
Cuba	1
Estarreja	1
Faro	2
Ferreira do Alentejo	1
Grândola	1
Ílhavo	1
Lamego	1
Leiria	3
Mogadouro	1
Monção	1
Nazaré	1
Niza	1
Olhão	1
Parede	1
Penamacor	1
Portalegre	1
Régua	1
Rio Maior	2
Sabugal	1
Salvaterra de Magos	1
Seia	1
Setúbal	2
Sines	1
Sintra	1
Sobral de Monte Agraço	1
Soure	1
Tavira	1
Torres Novas	1
Valença	1
Vila Real	1
Vila Real de Santo António	2
Viseu	2

Total

67 = 39,9%
(total 168=100%)

QUADRO II

DISTRIBUIÇÃO DOS OURIVES SEGUNDO A NATURALIDADE E O LOCAL ONDE ESTABELECEM

<i>Naturalidade (freguesia)</i>	<i>Local onde se estabeleceram</i>
Cantanhede	Portalegre
Cantanhede	Albufeira
Cantanhede	Leiria
Cantanhede	Ferreira-do-Alentejo
Cantanhede	Águeda
Covões	Cova da Piedade
Febres (Vilamar)	Olhão
Febres (Vilamar)	Alcobaça
Febres (Vilamar)	Parede
Febres (Vilamar)	Cuba
Febres (Vilamar)	Covilhã
Febres (Vilamar)	Coimbra
Febres (Vilamar)	Caldas da Rainha
Febres (Vilamar)	Nazaré
Febres (Vilamar)	Marinha Grande
Febres	Viseu
Febres	Carregal do Sal
Febres	Setúbal
Febres	Alcobaça
Febres	Almada
Febres	Moscavide
Febres	Arganil
Febres	Mogadouro
Febres	Lamego
Febres	Borba
Febres	Rio Maior
Fundão	Grândola
Gouveia	Gouveia
Guarda	Guarda
Mira	Vila Real
Mira	Sintra
Vagos	Beja
Vagos	Santarém
Vinhais	Bragança

Total = 34

FONTE: *Inquérito.*

Covões. Isto é, apesar da grande maioria dos inquiridos ser natural do concelho de Cantanhede, é na freguesia de Febres que se verifica a maior frequência referente à naturalidade.

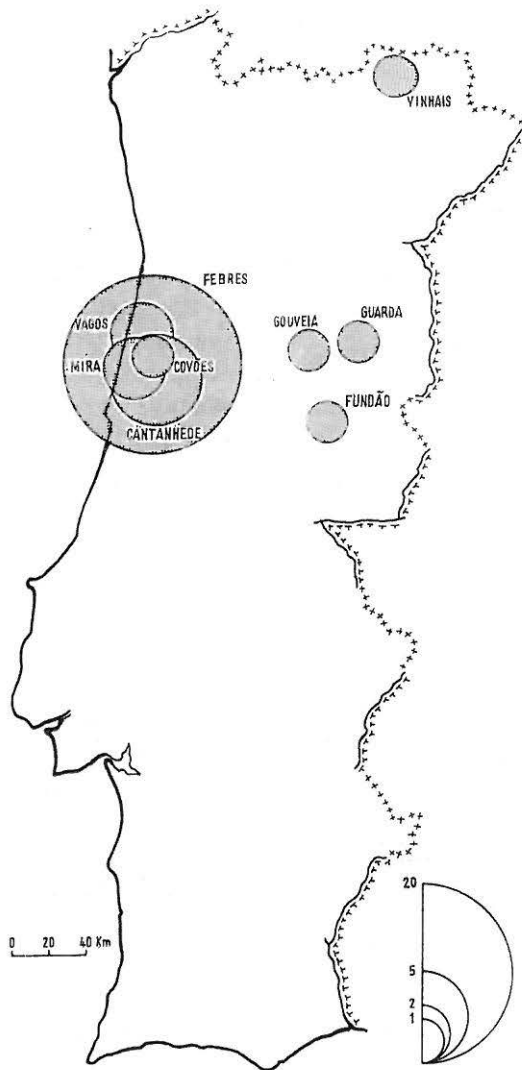


Fig. 3 — Distribuição dos *ourives* segundo a naturalidade.

Todavia, se analisarmos apenas aquela freguesia, verificamos que a referência a Vilamar ocorre 8 vezes, significando que 40% dos indivíduos natu-

rais daquela unidade administrativa são oriundos daquele núcleo populacional. Este facto tem ainda mais significado, se pensarmos que a freguesia tem 25 lugares.

Quanto às freguesias referidas fora do concelho de Cantanhede, de Mira e de Vagos são naturais dois indivíduos; do Fundão, da Guarda, de Gouveia e de Vinhais é apenas natural um inquirido (ver fig. 3).

Em resumo, pode concluir-se que a maioria dos ourives inquiridos é natural duma pequena área do Centro Litoral Português, correspondente aos concelhos de Mira, Vagos e Cantanhede, na qual este detem uma importância privilegiada.

Deve também salientar-se, ser Febres a freguesia em que se verifica a maior frequência, e Vilamar o núcleo mais importante.

Por outro lado, a análise da informação parece sugerir que grande parte dos inquiridos passou no decurso da sua actividade profissional por dois momentos. O primeiro relacionado com o período de tempo, durante o qual exerceram o comércio como ambulantes: trabalhando, de início, em geral por conta de outrem só posteriormente o fazem por conta própria. O segundo momento corresponde já ao comerciante estabelecido, normalmente na área onde, como ambulante, transaccionava a sua mercadoria. Refira-se que ainda actualmente alguns ourives fazem as feiras próximas do local onde se fixaram, mantendo uma clientela que muitas vezes ainda vem da *volta*¹.

Das respostas ao inquérito, conclui-se que 73,5% dos proprietários actuais tinham sido *ambulantes*. Dos restantes, uns passaram de empregados para proprietários, em geral por herança; outros eram empregados de diferentes ramos do comércio que, em determinado momento enveredaram pela ourivesaria. Contudo, o quantitativo de inquiridos nestas circunstâncias é diminuto. Além disso, os que foram ambulantes estão na generalidade ligados à actividade por laços de parentesco.

Do total da amostra, 21 (50%) são filhos de indivíduos ligados ao comércio do ouro, tendo sido todos eles *ourives ambulantes*. Foi, aliás, com os pais (ambulantes) que se iniciaram na actividade. Dos restantes, 18 são filhos de agricultores pobres alguns dos quais se deslocavam, durante uma parte do ano, para outros concelhos como *serradores*. Mais de metade dos indivíduos que se dedicavam à agricultura exercia complementarmente

¹ Designa-se por *volta* o período de tempo, durante o qual o *ourives ambulante* se ausentava da sua residência para se dedicar ao comércio do ouro, e que variava de alguns dias a vários meses.

aquela actividade. *Tecelão, funcionário público e carpinteiro* foram as outras actividades referidas para os pais dos inquiridos.

Embora tratando-se de uma amostra que pela sua dimensão obriga a algumas reservas, a sua análise parece sugerir que uma grande parte dos actuais ourives oriundos da freguesia de Febres ou das áreas limítrofes, foi num primeiro momento *ambulante*: na generalidade são filhos de pais com

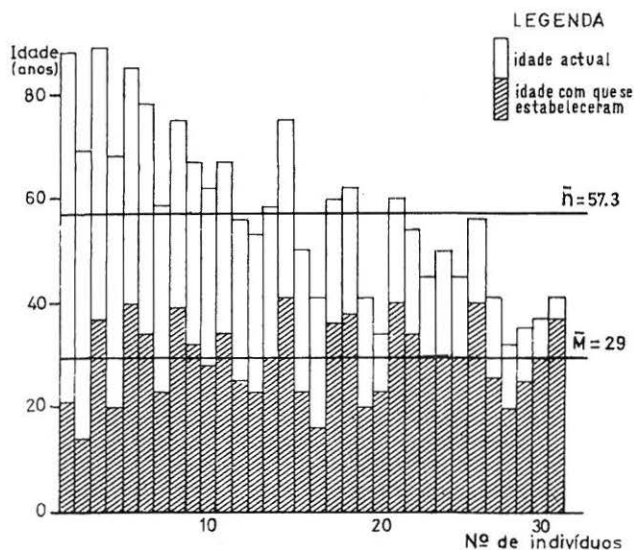


Fig. 4 — Distribuição dos ourives segundo a estrutura etária e a idade com que se estabeleceram.

a mesma actividade e que, salvo algumas excepções, nunca se vieram a estabelecer. Por outro lado, deve ainda notar-se que, na geração anterior à inquirida, muitos dos *ourives ambulantes* tinham sido *serradores*, actividade que os obrigava a estarem afastados da sua residência alguns meses durante o ano.

Parece ser a geração por nós analisada aquela que corresponde a uma época áurea desta actividade, pois que, a passagem de *ourives ambulante* a estabelecido deverá significar para a maioria dos casos uma ascensão económica que grande parte dos seus antecessores não conseguiu atingir.

A figura 4 pretende relacionar a actual estrutura etária dos indivíduos inquiridos e a idade com que se fixaram com comércio de retalho. Entenda-se que, numa fase transitória, muitos comerciantes mantiveram, ainda que mais limitado, o comércio ambulante, para não perderem a clientela que difícil-

mente os procuraria no local onde se estabeleceram. Contudo, o processo modifica-se gradualmente e poucos são hoje os que periodicamente se deslocam aos locais onde antigamente transaccionavam uma boa parte da sua mercadoria. Apenas algumas feiras mantêm este tipo de comércio que todavia vai progressivamente desaparecendo.

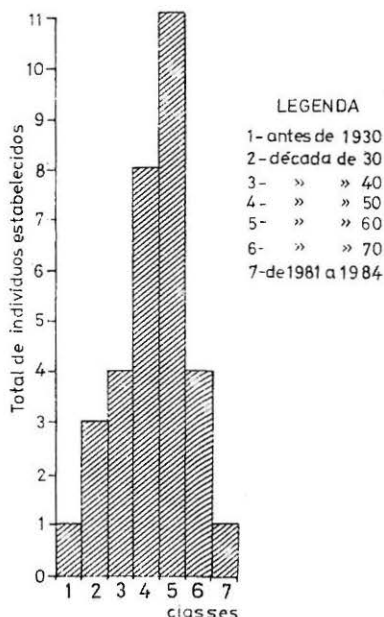


Fig. 5 — Distribuição da frequência com que se estabeleceram os ourives.

Apresentando hoje uma média de idade próxima dos 58 anos, grande parte dos comerciantes inquiridos deverá ter-se estabelecido com cerca de trinta anos (ver fig. 4).

Por outro lado, a idade com que na generalidade se iniciam no comércio do ouro tem a sua frequência máxima na classe etária que varia entre 12 e 19 anos: 68%. Dos 20 anos aos 25 apenas 28% entraram para aquela actividade, enquanto que com mais de 25 anos apenas 4% começaram a trabalhar como ourives ambulantes. A média da idade é portanto relativamente baixa, 18,7 anos, situando-se antes da prestação do serviço militar.

Quanto ao período de tempo em que se dedicavam exclusivamente ao comércio ambulante é bastante variável. Apesar da média se situar próxima dos 12 anos, um dos inquiridos apenas durante dois anos foi ambulante,

enquanto que outros ultrapassaram os 20 anos. Um dos casos da amostra chegou a estar durante três décadas ligado às feiras e ao comércio ambulante.

A frequência com que se foram estabelecendo ao longo dos anos está representada na figura 5.

A década de 60 corresponde ao período de tempo em que um maior número de ourives ambulantes se fixa, logo seguido da década de 50 com 8 e das décadas de 40 e 70 que apresentam um valor significativamente mais baixo: 4. Os outros anos correspondem, por um lado, ao período de tempo em que a actividade estava em desenvolvimento progressivo e que culminaria nas décadas de 50 e 60; por outro, a uma fase mais recente, que corresponde simultaneamente à decadência deste tipo de comércio. Aliás, da expansão desta actividade da década de 30 a finais da de 50, «falamos os números, entre os quais por mais expressivos, avultam os pesos de metais transformados no Norte» (G. F. MARQUES, 1960, pág. 67). Em 1938 foram transformados 985 quilos de ouro enquanto em 1958 o quantitativo atingia 8 390 quilos.

A partir de 1970 assiste-se gradualmente à sua decadência para a qual terão concorrido várias circunstâncias a que posteriormente nos referiremos.

4. A DIFUSÃO DOS OURIVES

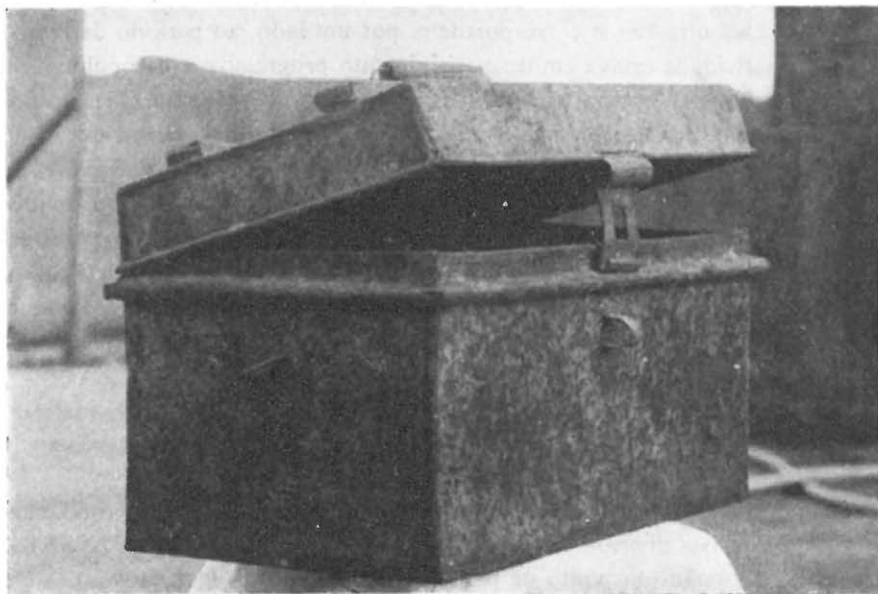
Ainda que do concelho de Cantanhede seja natural um numeroso quantitativo dos ourives distribuídos pelo país, actualmente a freguesia de N. S.^a das Febres não é senão um ponto de passagem entre o local de manufactura e o restante território nacional. Em Vilamar não existem ourivesarias, mas grandes armazenistas, isto é, intermediários que abastecendo-se principalmente no Norte, fornecem grande parte dos comerciantes de ouro do país. De resto, nas onze oficinas existentes naquela povoação apenas se trabalha em *consertos*, quer de artigos de relojoaria quer de objectos de ouro e prata.

Refira-se todavia que, apesar da importância daquela freguesia relativamente à difusão dos ourives, nas áreas de Lisboa e Porto a sua penetração encontrou algumas resistências por parte de comerciantes ligados ao mesmo ramo de actividade. No caso de Lisboa, essas dificuldades eram acrescidas pela circunstância de aí habitar uma clientela mais exigente, situada preferencialmente na média e alta burguesia, cujos gostos não obedecem ao padrão que normalmente acompanha a *ourivesaria popular*. De resto, obter uma casa comercial por trespassar não estava ao alcance de um indivíduo que tinha passado alguns anos como *ourives ambulante*.

Daí que se situem numa área periférica as ourivesarias que são propriedade de naturais do concelho de Cantanhede. Cascais, Parede, Oeiras,

Moscavide, Almada, Cova da Piedade, são alguns exemplos de núcleos onde se instalaram comerciantes de ouro, prata e relojoaria oriundos daquele concelho, que foram num primeiro momento *ambulantes*.

Excluídas as duas situações, que correspondem simultaneamente aos dois centros mais antigos de manufactura e comercialização do ouro em



For. 3 — *Mala* inicialmente utilizada na venda ambulante do ouro, construída em folha de Flandres (dimensões: comprimento 44 cm, altura 27 cm e largura 27 cm).

Portugal, poder-se-á questionar como a partir de Febres se distribui pelo país o numeroso grupo de indivíduos que se dedica àquele tipo de comércio.

Vimos que numa primeira fase da sua actividade, quase todos os ourives inquiridos tinham sido ambulantes. Trabalhando inicialmente por conta doutrem a quem alugavam a *mala*¹, eram encaminhados pelos *mieiros* para regiões onde este tipo de comércio ainda não tinha chegado ou onde só muito raramente afluía (Fotografia 3). Era-lhes assim “atribuída” uma área no país,

¹ O termo *mala* aplica-se a um pequeno baú fabricado em folha de Flandres, onde os *ourives ambulantes* transportavam os objectos de ouro e mais raramente relógios, que transaccionavam nas suas áreas de mercado.

onde permaneciam durante algum tempo com a finalidade de transaccionarem a sua mercadoria. Na amostra que analisámos, alguns dos inquiridos chegavam a estar afastados da sua residência 6 meses. Apenas um afirmou demorar a *fazer a volta* 8 dias. A média, determinada em função das informações recebidas, situa-se próxima dos 70 dias por *volta*. Numa época em que o desenvolvimento dos transportes motorizados era incipiente, grande parte do percurso era feito a pé e/ou de bicicleta. Utilizando nalguns casos o caminho de ferro, este apenas os transportava para os centros mais próximos da sua área de mercado. Daí que as notícias referentes a assaltos tenham sido frequentes na imprensa da época. A informação mais antiga que encontrámos data, como vimos, de 5 de Agosto de 1917 no jornal *DEFESA de MIRA*, onde é referido o assassinato de um ourives de Balsas (Febres) de 17 anos, cujo crime terá sido cometido em Arronches.

Com áreas perfeitamente demarcadas no território nacional, estes homens foram adquirindo progressivamente uma clientela fixa e melhorando gradualmente a sua situação económica. De comerciantes ambulantes por conta doutrem passam a trabalhar por conta própria, tornando-se posteriormente proprietários de uma casa comercial.

De notar que este comércio se revestia por vezes de aspectos particulares. Iniciada a *volta* com determinado peso em ouro na *mala* regressavam em geral, se o negócio corria bem, com a mesma quantidade, só que eram artigos adquiridos por troca: *cascalho* e moedas antigas na maioria dos casos. Recorde-se que no final do século XIX, as moedas de ouro tinham saído de circulação devido à reorganização do Banco de Portugal. Frequentemente pesado à mão, o ouro assim adquirido era depois entregue ao indivíduo para quem trabalhavam, no caso de não actuarem por conta própria.

Tendo como objectivo principal tornarem-se proprietários duma casa ligada ao mesmo tipo de comércio, compreende-se que tenha sido na área onde já o exerciam, embora como *ambulantes*, que se tenham vindo a fixar. Do total de inquiridos, 73,5% afirmam que se estabeleceram na área onde já tinham clientela. O casamento veio nalguns casos a consolidar a fixação.

Todavia, mantêm ainda que a nível comercial relações com a freguesia donde são naturais. Cerca de 50% dos indivíduos referentes à amostra continuam a abastecer-se em Vilamar, apesar do Porto, Gondomar, Cantanhede ou Coimbra serem mercados privilegiados. Lisboa é apenas referida por dois indivíduos como centro abastecedor.

Actualmente, são já raros os que se dedicam ao comércio ambulante. Os que o fazem, exercem-no como actividade subsidiária. Para alguns casos, será ainda o resíduo dum comerciante ambulante que nunca conseguiu ascender a proprietário de uma casa comercial. Contudo, nalgumas áreas

interiores do país existe ainda o ourives que periodicamente lá se desloca de motorizada ou automóvel, mantendo todavia a casa comercial, na generalidade dos casos situada na sede concelhia.

Apesar de uma parte da população que se dedica ao comércio do ouro ter abandonado o concelho da sua naturalidade, a importância de que aquele ainda hoje disfruta é significativa. Basta, por exemplo, comparar o número de indivíduos que segundo o *Recenseamento Geral da População*, 1981, se dedicam à joalheria, ourivesaria, lapidação de pedras preciosas e trabalhos similares. A sua distribuição por distritos é a seguinte:

Aveiro	22
Beja	11
Braga	152
Bragança	15
Castelo Branco	9
Coimbra	105
Évora	12
Faro	8
Guarda	8
Leiria	24
Lisboa	662
Portalegre	5
Porto	2124
Santarém	32
Setúbal	123
Viana do Castelo	9
Vila Real	39
Viseu	40

Ora, segundo a mesma *fonte*, no concelho de Cantanhede existem 60% dos indivíduos registados para o distrito de Coimbra, isto é, 63 num total de 105 — valor que mostra bem a sua importância no que se refere aquelas profissões. Por outro lado, verifica-se ainda que aquele concelho tem uma posição privilegiada relativamente à maioria dos distritos do território nacional. Exceptuando Coimbra, apenas Braga, Lisboa, Porto e Setúbal o ultrapassam. Este facto tem tanto mais significado se pensarmos, por

um lado, que são unidades administrativas muito mais vastas e, por outro, que se trata das sedes tradicionais da manufactura e comercialização do ouro em Portugal.

5. AS FEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO DO OURO

Não é fácil encontrar uma explicação definitiva que justifique o desenvolvimento atingido pelo comércio do ouro no concelho de Cantanhede, com maior incidência na freguesia de Nossa Senhora das Febres. Temporalmente deverá ser um fenómeno recente. Possivelmente ter-se-á iniciado no final do século XIX ou nos primeiros anos do século XX.

A notícia mais antiga que encontrámos referente a um indivíduo natural do concelho de Cantanhede com a profissão de ourives, data de 17 de Julho de 1863, e consta dum registo de passaporte para o Brasil¹. Só em 1912 aquela actividade volta a ser atribuída de novo a um emigrante. Natural de Febres, abandona o país em Outubro de 1912 com destino à cidade de Santos².

Embora nos *Registos de Passaportes* sejam referenciados dois indivíduos como *ourives*, julgamos que o seu significado não é relevante, não só os registos estão separados quase por meio século, mas porque na generalidade deveriam usufruir duma situação económica possivelmente superior ao padrão geral apresentado pelos emigrantes. A constituírem, pois, já uma comunidade numerosa, seria pouco provável que viessem referidos nos registos de emigrantes. Pelo contrário, deveriam constar das listas do *Recenseamento Eleitoral*, devido à circunstância de só poderem ser eleitores indivíduos que usufruissem dum rendimento anual mínimo de dez mil réis. Ora, no *Recenseamento Eleitoral* de 1886 não consta qualquer indivíduo com aquela profissão³. Por outro lado, não verificámos qualquer referência àquela actividade nos *Registos Paroquiais de Baptismo*⁴.

¹ A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, «Livros de Registos de Passaportes», 1.º volume, anos de 1835-1867.

² A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, «Livros de Registos de Passaportes», 69.º volume, de 17-8-1912 — 28-10-1912.

³ A.U.C., *Documentação do Governo Civil de Coimbra*, «Recenseamento Eleitoral — 1886 — freguesia de N.ª Sr.ª de Febres».

⁴ Refira-se, que a partir do século XVIII, é praticamente sempre mencionada a profissão dos progenitores. No levantamento que realizámos, até 1864, nenhum indivíduo foi registado como *ourives*.

Estes factos parecem sugerir que, no final do século XIX, a existência de *ourives ambulantes* na freguesia de Nossa Senhora das Febres seria pouco provável, ou então o seu número bastante escasso, dessa escassez seria testemunho o *ourives* que em Julho de 1863 emigrou para o Brasil.

Segundo o Presidente do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte, G. F. MARQUES (1960, pág. 21) «... surgiu à volta de 1900 um novo elemento desta actividade ou seja os *ambulantes* que deram a percorrer regiões, onde principalmente os artigos de ouro não tinham chegado às feiras e aos mercados, constituindo esses vendedores falange numerosa». Julgamos, pois, que terá sido na transição do século XIX para o XX que se deverá situar o aparecimento desta actividade. Com um escasso número de elementos à partida, foi adquirindo gradualmente maior importância, chegando o seu número a ser de tal modo elevado que na freguesia de Febres foi fundada uma Associação de Ourives. Todavia, no início da década de 40, os órgãos do poder pretenderam transformá-la em organismo corporativo. Perante a oposição dos seus sócios, veio posteriormente a ser encerrada.

Em abono da hipótese de que será uma actividade iniciada possivelmente neste século, parece ser a escassez de notícias referentes a ourives. Pelo contrário, a frequência com que aparecem a partir da segunda década deste século — quer relatando numerosos assaltos, quer informando de outros acontecimentos que envolvem *ourives ambulantes*, parece significar que constituíam já uma comunidade numerosa.

De resto, julgamos que o desenvolvimento do comércio ambulante de ouro não poderá ser desligado das alterações que, no final do século XIX, se verificaram no sistema bancário português. Embora existindo há já algum tempo, o Banco de Portugal sofre a sua mais importante reorganização em 1887, tornando-se o único banco emissor do país; «... não admira que com a criação do autêntico Banco de Portugal (...) a moeda de ouro visível que ainda durante todo o século XIX corra (...) tivesse desaparecido...» (L. R. SOARES, 1971, pág. 72), sendo substituída pelo papel-moeda.

Esta circunstância, deverá ter permitido a retenção de moedas de ouro nalgumas regiões do interior do país, de menor acessibilidade, tendo sido adquiridas por troca, por indivíduos que posteriormente as transaccionavam nas feiras da sua área. Julgamos que neste primeiro momento os *serradores* deverão ter tido um papel decisivo, já que se deslocavam com alguma frequência para o interior do país e eram naturais duma área onde a função das feiras sempre foi fundamental, quer pelo número elevado das que lá se realizam, quer pela diversidade dos produtos transaccionados.

Região onde ainda predominam lugares de pequena dimensão e pouco hierarquizados, as feiras tem desempenhado um papel fundamental no

comércio desta área e com o qual se deverá interligar o aparecimento e desenvolvimento do comércio do ouro. Refira-se que, segundo alguns dos nossos interlocutores, era frequente, nos dias da realização de feiras locais, a deslocação de comerciantes de ouro, prata e relojoaria, que do norte vinham abastecer os seus clientes, sendo alguns destes ambulantes.

Por outro lado, no caso da feira de Cantanhede, aquela em que na região provavelmente se transaccionava mais ouro, alguns dos intermediários do norte permaneciam vários dias na sede concelhia, para aí poderem realizar as suas transacções comerciais.

Além disso, verifica-se a partir da década de 30, a publicação de anúncios relacionados com a venda de ouro, ou se transcreve mesmo um diálogo entre um empregado dum importante armazenista local e um agricultor, em que este se queixa da sua precária situação económica comparada com a do seu interlocutor¹.

A frequência com que aparecem as mais diversas notícias, deixa transparecer, por um lado, a ascensão económica de alguns indivíduos ligados ao comércio do ouro e, por outro, demonstra que era cada vez mais elevado o quantitativo de indivíduos que se ligava a tal actividade.

A corroborar o apogeu que se deverá ter verificado pela década de 40 está para além da Associação de Ourives, o facto de em 1945 e 1947 dois ourives naturais de Febres terem marcas de contraste registadas, (M. G. VIDAL, 1958): Manuel António Rosete com o número 5118 e Luciano Cruz com o número 4867, fazendo parte dum conjunto próximo dos 6 000 registos em que a quase totalidade pertencia a comerciantes de Lisboa, Porto e alguns centros do Norte. Este facto revela bem até que ponto o comércio do ouro se tinha desenvolvido na freguesia de Febres.

Numa relação apresentada anteriormente (L. COSTA, 1920, pág. 75), apenas havia contrastes de ouro e prata em Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Évora, Setúbal e Beja, o que significa que àquela data a freguesia de Febres ainda não detinha a importância que veio a conquistar.

Há todavia outra hipótese, — embora sem a excluir parece-nos menos provável — para explicar a ocorrência do comércio do ouro nomeadamente na freguesia de Febres, já que se relaciona com o lugar da *Escumalha*, hoje Vilamar. Vindo referida no *Dicionário Geográfico* — 1758 — com 12 vizinhos², Escumalha deveria o seu nome à existência de uma fábrica de pez e breu. Ora, segundo alguns dos nossos interlocutores, aquela designação

¹ GAZETA de CANTANHEDE, 9 de Outubro de 1943.

² A.N.T.T., *Dicionário Geográfico*, 1758, in «Covões».

relaciona-se não com a referida fábrica, mas com a provável existência duma colónia de Judeus que ali se teria furtado às perseguições da Inquisição. Apesar de aqueles serem tradicionalmente comerciantes de pedras preciosas, além de constituírem «...uma parte importante do artesanato nacional, dedicando-se sobretudo a técnicas especializadas como por exemplo à ourivesaria» (A. J. SARAIVA, 1979), parece-nos pouco provável esta hipótese, já que a manufatura de artigos em ouro nunca foi tradicional em Vilamar. De resto, as oficinas que lá existem apenas se dedicam a *consertos*. Parece mais provável que o comércio do ouro começou a desenvolver-se e a estender-se por todo o território nacional, graças à afluência de comerciantes que se deslocavam do norte às feiras locais e aliciavam a mão-de-obra pobre e disponível, impossibilitada de emigrar e nalguns casos conhecedora doutras regiões do país.

6. CONCLUSÃO

Actividade com larga tradição em Portugal, a ourivesaria manteve-se quase exclusivamente ligada aos dois principais centros urbanos do país. Passando por sucessivos períodos de apogeu e decadência, a manufatura de objectos de ouro voltou-se quase sempre para a classe com maior poder económico. Daí, que a produção de artigos de custo reduzido fosse restrita tal como o número de indivíduos que os adquiria.

Todavia, a partir do final do século XIX, o cenário da manufatura e comercialização do ouro em Portugal altera-se. A publicação do *Regulamento das Contrastarias* irá em parte facilitar tal actividade. O desenvolvimento da *ourivesaria popular*, voltada para um mercado que não o tradicional, leva ao aparecimento duma nova classe de comerciantes que percorrerá grande parte do território nacional em busca duma clientela que, até aí e por razões económicas, não lhe tinha acesso. Surgem assim os *ourives ambulantes*. Com áreas perfeitamente demarcadas no país, passarão posteriormente a exercer o comércio permanente, distribuindo-se por todo o território e privilegiando as áreas onde tinham uma clientela assegurada.

Do pequeno estudo realizado, julgamos poder concluir que, na freguesia de Nossa Senhora das Febres, o comércio ambulante de artigos de ouro se deve ter iniciado nos finais do século XIX princípios do século XX, pertencendo os principais aquisidores à população rural, situada externamente à influência dos grandes centros produtores do país.

O apogeu desta actividade dever-se-á colocar entre as décadas de 40 e 60. O número de indivíduos que passam de ambulantes a proprietários de casas

comerciais e a quantidade de ouro transformado durante aquele período são alguns indicadores que a nível nacional podem justificar tal índice de crescimento.

O inquérito no qual baseámos este trabalho mostrou também que foi a partir do concelho de Cantanhede, nomeadamente da freguesia de Nossa Senhora das Febres, que se difundiram grande parte dos ourives hoje estabelecidos em todo o território nacional. Não obstante tratar-se de uma amostra que obriga a algumas reservas, julgamos que, da restrita área analisada, é natural uma importante comunidade de ourives que, quer local quer regionalmente, deram um contributo importante ao desenvolvimento do comércio do ouro em Portugal.

De resto, a importância da freguesia de Febres é facilmente comprovada através de outros indicadores. A existência duma Associação de Ourives mostra até que ponto foi numerosa e organizada a classe daqueles comerciantes; a alteração da toponímia local só foi possível devido à persistência de alguns indivíduos, onde predominavam *ourives*. Recorde-se que, anteriormente a 1940, Vilamar se designava por Escumalha. Não fora a ascensão económica e social de alguns dos seus naturais e talvez ainda aquela designação persistisse.

Além disso, o facto de se situarem em Vilamar alguns dos principais armazenistas de ouro mostra bem até que ponto aquele núcleo tem mantido uma importância considerável, no que se refere à comercialização daquele produto, ao nível do mercado nacional.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.)

Dicionário Geográfico — 1758

Arquivo da Universidade de Coimbra (A.U.C.)

Documentação do Governo Civil de Coimbra, «Recenseamento Eleitoral de 1886», e «Livro de Registos de Passaportes», Volumes 1 e 69.

Registos Paroquiais de Baptismos, freguesia de Nossa Senhora das Febres.

2. OBRAS IMPRESSAS

ÁLVARES, Pedro — 1919 — «A Reorganização do Banco de Portugal», in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, número 7, 37.^a série pp. 168-180.

COSTA, Laurindo — 1914 — *A organização do ensino comercial e industrial*, Porto.

— 1917 — *A ourivesaria e os nossos artistas*, Porto.

— 1920 — *Uma Arte Famosa*, Porto.

— 1929 — «Arquivo da Confraria de Santo Eloy no Porto — Subsídios para a história da ourivesaria em Portugal (inéditos dos séculos xv a xix)», in *O Instituto*, vol. 78, Coimbra, pp. 138-205.

DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto VEIGA — 1959 — *A Região e a Casa Gandaresa*, Porto.

FERREIRA, Luís Feliciano — 1941 — «Estudos sobre o consumo do ouro e prata», in *Boletim do Trabalho Industrial*, número 34.

GAMBETTA, Agostinho Ferreira — 1978 — «História da Moeda», *Academia Portuguesa de História*, volume I, Lisboa, 1978.

MARQUES, Gabriel Ferreira — 1960 — *A Ourivesaria e os seus problemas*, edição do Grémio dos Industriais de ourivesaria do Norte, Porto.

OLIVEIRA, Carlos — 1943 — *Casa na Duna*, Coimbra.

Recenseamento Geral da População de 1981

Regulamento do Exercício da Industria de Ourivesaria, Porto, 1962.

«Regulamento para o exercício das contrastarias e do fabrico e comércio de barras de ouro e prata», *Diário do Governo*, 19 de Fevereiro de 1886.

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos — 1978 — «A Moeda (evolução do conceito de Moeda)» in: *Cadernos F.A.O.J.* Série A, número 8, Lisboa.

SARAIVA, António José — 1979 — *Dicionário da História de Portugal*, in: «Cristãos Novos».

SOARES, Luís Ribeiro — 1971 — *A Moeda em Portugal — Breve história*; ed. do Banco de Portugal, Lisboa.

VIDAL, Manuel Gonçalves — 1958 — *Marcas de contrastes e ourives portuguesas, desde o século XV a 1950*; prefácio do Prof. Reinaldo dos Santos; ed. Casa da Moeda, Lisboa.

- VITERBO, Sousa — 1896 — *Exposição de Arte Ornamental*, Viana do Castelo.
- 1899 — «Ourivezeiros», in *Revista Lusitana*, volume V.
- 1903 — *Artes e industrias metálicas em Portugal ourives-espadeiros — ourives de Gineta — Freeiros*, Lisboa
- 1914 — *Artes de industrias metálicas em Portugal — Moedeiros*, ed. Imprensa Nacional, Lisboa.

3. IMPRENSA REGIONAL

Defesa de Mira

Gazeta de Cantanhede

INQUÉRITO — OURIVES

1. Nome da localidade Data...../...../..... N.º.....
2. Estabelecimento de | relojoaria
 | ourivesaria
3. Naturalidade do proprietário
4. Quando se estabeleceu com que idade
5. O que fazia anteriormente | ourives ambulante
 | outra profissão Qual?
6. Profissão do pai
7. Com quem começou a trabalhar no comércio do ouro?
- Porquê?
8. Com que idade começou a ser ourives ambulante?
9. Quanto tempo estava fora de casa?
10. Qual a área para onde se deslocava?
11. Como se deslocava?
12. Porque se estabeleceu neste local
- 1 Era a área onde trabalhava S
- 2 — Outras razões S Quais?
13. Onde se abastece?
14. Como explica o aparecimento do comércio do ouro, principalmente na freguesia de FEBRES
-
-
-
15. Observações que considere úteis
-
-
-